

‘O caos vem aí, a fome vai tirar o pessoal de casa’, diz Bolsonaro sobre isolamento

UOL

O presidente Jair Bolsonaro (sem partido) disse ontem que o “caos vem aí”. A fala aconteceu em meio ao pior momento da pandemia, sob recortes de desemprego e aumento da inflação em alimentos. “O povo não tem nem pé de galinha para comer mais. Agora, o que eu tenho falado, o caos vem aí. A fome vai tirar o pessoal de casa. Vamos ter problemas que nunca esperávamos ter problemas sociais gravíssimos”, disse o presidente em vídeo divulgado por um canal de YouTube de apoiadores de Bolsonaro.

Em tom de ameaça, o presidente explicou que a consequência pode ser um momento ainda pior. O

terreno fértil para a ditadura é a miséria, a fome, a pobreza, onde o homem com necessidade perde a razão. Estão esperando o que? Vai chegar o momento? Gostaria que não chegasse, mas vai acabar chegando esse momento. Jair Bolsonaro no período da pandemia no Brasil, a inflação sentida pelas famílias brasileiras mais pobres foi de 6,75%. Além dos indicadores econômicos e sanitários, o presidente registra o pior momento em sua popularidade, segundo o Datafolha. “Eu tenho mantido todos os meus ministros informados com o que vem acontecendo e ainda culpam a mim, como fosse insensível no tocante a mortes. A fome também mata”, disse o presidente. Ele voltou a chamar o toque de recolher decretado por alguns estados

como estado de sítio, usando de forma errada o termo (leia mais abaixo) para defender a ação junto ao STF (Supremo Tribunal Federal) pedindo a suspensão dos decretos dos governadores da Bahia, do Distrito Federal e do Rio Grande do Sul.

O presidente é contra o isolamento social e medidas de restrição, apontadas por especialistas em saúde como as medidas principais para minimizar a circulação do vírus e de novas variantes. Na pandemia, pelo 20º dia seguido o Brasil registrou recorde de mortes na média móvel de mortes. Durante a conversa com apoiadores, ele disse também que o valor do auxílio emergencial, entre R\$ 150 e R\$ 375, é “pouco, mas é o que a nação pode dar. São R\$ 44 bilhões de endividamento”.



O PRESIDENTE Jair Bolsonaro (sem partido) disse ontem que o “caos vem aí”

Queiroga pretende ir aos hospitais checar se as pessoas estão mesmo morrendo de Covid

O GLOBO

O futuro ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, ainda não assumiu, mas pelas conversas que tem tido com médicos será uma versão 2.0 de Eduardo Pazuello, diz o colunista Lauro Jardim, do jornal O Globo. Seguirá as

orientações muito particulares de Jair Bolsonaro na área sanitária. Uma versão de jaleco do “um manda e o outro obedece”.

Em pelo menos uma dessas conversas, Queiroga disse que, ao assumir, pretende ir aos hospitais numa espécie de blitz para conferir pessoalmente se as UTIs

estão lotadas e se as pessoas estão mesmo morrendo de Covid — Bolsonaro já botou essas informações em dúvida.

Ontem, por exemplo, Bolsonaro disse: “Parece que só morre de Covid. Você pega, você pode ver... Os hospitais estão com 90% das UTIs ocupadas.”

Prefeitura investiu mais de R\$800 mi em um ano de combate à pandemia

REDAÇÃO

Em um ano de pandemia do coronavírus, Salvador segue sem medir esforços para dar assistência à população, sobretudo nas áreas da saúde e social. Desde que as primeiras medidas de combate à crise sanitária foram tomadas, em março de 2020, o município já investiu R\$803 milhões. O prefeito Bruno Reis, ao lado da vice-prefeita Ana Paula Matos, apresentou nesta sexta-feira (19), em coletiva virtual no Palácio Thomé de Souza, um balanço das ações e projetos desenvolvidos na capital baiana nesse período, que tiveram o único objetivo: salvar vidas.

O fortalecimento do sistema de saúde, portanto, foi uma das prioridades nesse cenário de guerra contra o Sars-CoV-2. “Mensalmente, apenas na área da saúde, a Prefeitura investe R\$36 milhões no enfrentamento ao coronavírus, seja para abertura

e manutenção de leitos de enfermagem e UTI, seja para outras estruturas, insumos, contratação de pessoal para vacinação”, destacou.

De fato, a cidade ampliou a quantidade de vagas para tratar pacientes com a doença, em comparação ao auge da primeira onda da pandemia. Em 2020 havia 499 leitos, sendo 228 de UTI e 271 clínicos nos hospitais de referência do Wet'n Wild, montado à época na Paralela, no Sagrada Família (Bonfim) e na Unidade Hospitalar Exclusiva para Covid-19, no Caminho das Árvores.

Agora em 2021 são 615 vagas, 266 delas de terapia intensiva e 349 clínicas. Elas estão dispostas em cinco unidades de campanha: Sagrada Família, Unidade Caminho das Árvores, Santa Clara (Itaigara), Salvador (Federação) e a instalada na Estação Cidadania de Itapua.

Os investimentos também foram empregados na

contratação de pessoal e compra de aparelhos que são essenciais para funcionamento das UPAs, gripários e hospitais. Salvador conta com 355 respiradores disponíveis, 3 mil novos profissionais de saúde e 92 agentes de vacinação que foram convocados só nesse período de crise, para atuarem no dia a dia.

Além disso, a testagem para detecção da doença foi uma das iniciativas tomadas na capital baiana logo quando os casos da doença começaram a crescer. Em um ano de pandemia, a Prefeitura adquiriu 305 mil testes.

A compra desses materiais possibilitou que mais de 213 mil pessoas fossem testadas em 30 bairros, durante blitzes voltadas para testagem rápida. Atualmente, o cidadão conta com 67 unidades de saúde ofertando o procedimento gratuitamente. Conforme detalhado pelo prefeito, há dois laboratórios contratualizados para ampliar a testagem para Covid-19.

Justiça absolve Michel Temer e coronel Lima

ESTADÃO CONTEÚDO

A Justiça Federal de Brasília decidiu absolver o ex-presidente Michel Temer (MDB) e os outros cinco réus no processo aberto a partir das investigações do caso do Decreto dos Portos. Com isso, a ação penal por suposta corrupção e lavagem de dinheiro foi encerrada.

Também foram absolvidos o ex-assessor da Presidência, Rodrigo Rocha Loures, os empresários Antonio Celso Grecco, Carlos Alberto Costa e Ricardo Conrado Mesquita, e o amigo do ex-presidente João Baptista Lima Filho, o coronel Lima.

A decisão é do juiz Marcus Vinícius Reis Bastos, da 12ª Vara Federal do Distrito Federal, que recebeu o processo depois que o emedebista deixou a presidência e perdeu o foro especial.

“A par de serem inverossímeis, os fatos indicados na denúncia não se fizeram acompanhar de elementos mínimos que os confirmassem. Não se apontou quais seriam as vantagens indevidas recebidas ou prometidas; não se indicou como teria se dado esse ajuste entre os denunciados; não se apontou uma única razão pela qual terceiros iriam despendar valores em favor de agente público por um período indefinido de tempo, ausente qualquer indicação de que teria atribuição para a prática do ato de ofício almejado. Essas informações são essenciais a qualquer denúncia que verse sobre o suposto cometimento do crime de corrupção passiva qualificada”, diz um trecho da sentença expedida nesta quinta-feira, 18. O ex-presidente foi acusado de receber propinas.

Guedes sobre segunda onda: “Difícil, dramático”

IG

O ministro da Economia, Paulo Guedes, admitiu que a segunda onda de covid-19 levou o país a um “contexto difícil e dramático”. Por isso, reforçou a necessidade de acelerar a vacinação em massa da população brasileira, de forma a controlar o avanço do novo coronavírus e, assim, permitir a retomada econômica. “Agora novamente a pandemia chega, com a segunda onda se espalhando com maior velocidade e com novas cepas, aparentemente mais mortíferas. A reação é uma só: vacinação em massa para garantir o retorno seguro ao trabalho”, defendeu Guedes, em entrevista aos jornais espanhóis El Mundo e Expansión, que foi gravada na quinta-feira (18/3) e transmitida nesta sexta-feira (19).

O ministro admitiu que a vacinação ainda caminha a passos lentos no Brasil. E ressaltou que, por isso, o governo tem tentado acelerar os contratos de compra de vacinas para imunizar o máximo possível da população brasileira nos próximos seis meses. “Com o retorno da pandemia de forma intensa, agora, estamos vacinando de forma massiva para tentar atenuar esse problema... 5% da população foram vacinados, é muito pouco. Temos que trabalhar e melhorar muito”, comentou.

Guedes explicou que a pandemia de covid-19 se assemelha a uma “tragédia de dimensões bíblicas e magnitudes épicas”. E disse que, por isso, o governo brasileiro também precisou renovar o auxílio emergencial aos mais vulneráveis que estão sem conseguir trabalhar neste momento de pandemia.

“Estamos em um contexto difícil, dramático, mas prosseguimos com as reformas por um lado e reativando os programas de auxílio emergencial”, afirmou.

Disposto a atrair novos investidores estrangeiros para o país, o chefe da equipe econômica ressaltou, no entanto, que a retomada do auxílio emergencial ocorre dentro de um novo marco fiscal e também de um novo contexto monetário, já que, nas últimas semanas, o Congresso Nacional aprovou a PEC Emergencial e a autonomia do Banco Central.

Ele também ressaltou que o governo vai continuar tentando avançar na agenda de reformas, nos marcos regulatórios e nas privatizações. Por isso, garantiu que o país continua sendo um destino interessante para os investimentos externos e contou que já até conversou com espanhóis sobre a privatização dos Correios, que foi incluída no Programa Nacional de Desestatização (PND) nesta semana.

“Estamos abertos, vamos vacinar massivamente, retornar o crescimento sustentável e as reformas”, disse Guedes. “O Brasil estava realmente começando a decolar outra vez quando chegou a segunda onda da pandemia”, acrescentou o ministro.

Ele destacou que, antes da segunda onda, o Brasil vinha demonstrando uma reação econômica. Tanto que o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil caiu 4,1% em 2020, um resultado melhor que o de potências como o Reino Unido e o Japão, e que as estimativas do início da pandemia. Guedes garantiu também que o governo vai conseguir bons resultados de arrecadação.

PONTO DE VISTA

GILSON RODRIGUES

A resposta do Brasil para a pandemia está nas favelas

No Brasil, a situação de pandemia, que deu seus primeiros sinais em março de 2020, atingiu as favelas desproporcionalmente. Essas comunidades de baixa renda espalhadas pelo país têm uma população de moradores que ultrapassa os 13 milhões, sendo majoritariamente composta por negros. São cidadãos que vivem em condições de completa miséria e à margem dos direitos básicos de acesso à higiene sanitária, educação e saúde.

No território brasileiro, o quinto maior do mundo em extensão e cujas diferenças sócio-econômicas e populacionais são igualmente grandiosas, a COVID-19 já contaminou mais de 11 milhões de pessoas e vitimou mais de 270 mil. Isso nos confere um título de grandiosidade nada honroso: o de segundo país com

maior volume de casos e mortes.

Após muitos contratemplos, enfim, recebemos a vacina, e os grupos, considerados prioritários, estão sendo imunizados. Mas até que toda a população seja vacinada, é preciso seguir as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS), que indicam o isolamento social somado as medidas de higiene, evitando-se assim a aglomeração de pessoas. Estas recomendações, no entanto, não são simples de serem executadas para uma grande parcela dessa população que vive nas favelas.

Em média de seis a dez pessoas ocupam um pequeno espaço e, em grande parte destes domicílios, o abastecimento de água é intermitente. Não há condições financeiras para que as famílias adquiram álcool gel e tampouco parem de trabalhar para aderir

ao isolamento.

Até aqui, nenhuma surpresa. A previsibilidade é que a mortalidade seja maior nestes territórios, fundamentada pela desigualdade social e pela falta de empenho dos setores públicos em olhar para as necessidades dos menos favorecidos.

A solução encontrada para contornar a paralisia das autoridades, antes que a crise sanitária sem precedentes atinja ainda com mais crueldade os brasileiros que residem nas favelas, foi arregaçar as mangas e lutar. Esqueçam a imagem da favela que lembra cenários de guerra, com tiros e bombas — a realidade não é como nos filmes. Nas vielas estreitas dessas periferias, a imagem de hoje mostra pessoas munidas de uma imensa vontade de ajudar umas as outras.

Na gigante América do Sul, há um muro invisível que impede que sejamos vistos pelo poder público, sendo assim, Paraisópolis criou 12 iniciativas para diminuir o impacto do novo coronavírus nas comunidades. Não desistimos da batalha diária. Sabendo do abandono do poder público, nos tornamos responsáveis por nosso microcosmos, ao mesmo passo em que entoamos diariamente a

mensagem: vidas negras importam!

Taxadas com adjetivos reducionistas como violentas e marginais, as favelas são berços do ativismo há muito tempo. Excluídos do direito a serviços públicos, as comunidades estão habituadas a criar soluções para ter acesso à internet, saneamento, saúde e educação. Não à toa, em 2019 as favelas movimentaram 120 bilhões de reais (algo em torno de 30 bilhões de dólares), uma verdadeira potência econômica que merece ser reconhecida por suas qualidades.

Até o momento, as ações adotadas nessa realidade paralela vieram justamente da força do Bloco de Líderes e Empreendedores Sociais das 10 maiores favelas do Brasil, intitulado G10 Favelas — em uma alusão ao G20. Apoiados por essa iniciativa, líderes comunitários em alguns dos bairros mais atingidos pela pobreza do país, contrataram suas próprias ambulâncias, treinaram moradores voluntários para atuarem como brigadistas em casos de emergência, produziram marmitas para garantir a alimentação dos mais necessitados, criaram fundos de desemprego e construíram bancos de dados indepen-

dentos para rastrear casos e mortes pelo novo coronavírus. Onde há diariamente a ausência do estado, nascem novas e pulsantes iniciativas.

Para ajudar as mulheres diaristas dispensadas de seus trabalhos devido ao novo coronavírus, foram implementadas ações para “adotar” essas desempregadas, disponibilizando renda, cestas básicas e kit de higiene. Em apoio aos comerciantes locais, encorajamos que as pessoas comprassem, nesses estabelecimentos, as cestas básicas doadas.

Na questão social, criamos a figura do Presidente de Rua. Só em Paraisópolis hoje são mais de 650. Cada morador se destaca como voluntário para monitorar a situação de saúde de um grupo próximo de vizinhos. Esse modelo, presente em mais de 14 estados, está se provando muito efetivo.

E a partir de iniciativas como essas, estamos combatendo a pior pandemia da história recente. A força de pessoas comuns, muitas delas também enfrentando seus próprios desafios, que não possuem grandes riquezas nem cargos representativos, ou seja, é a prova clara que a justi-

ça social e o desenvolvimento de um país devem começar pela base da pirâmide. Se foi possível gerar nestas grandes comunidades uma situação de fortaleza em meio ao caos, é possível inspirar outras favelas e outros tantos cidadãos pelo mundo a fazer o mesmo. Estamos tentando criar a consciência para muito além das barreiras invisíveis que separam pobres e ricos, negros e brancos.

O processo de organização para o pós-pandemia precisa começar agora, com um trabalho assistencial pensado para assegurar a sobrevivência da população menos favorecida: trabalhadores braçais, domésticas, pequenos empreendedores e comerciantes da periferia. Não podemos voltar ao normal, devemos fazer um “novo normal” que não aceite o abismo social entre as classes, não só no Brasil, mas em muitos países pelo mundo.

*Gilson Rodrigues, coordenador nacional do G10 Favelas